

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

KAMILLY PEREIRA LEITE

PRÁTICAS DE LEITURA E PERFIL DO ALUNO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**BAGÉ
2026**

KAMILLY PEREIRA LEITE

PRÁTICAS DE LEITURA E PERFIL DO ALUNO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Português e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Profº Evandro Guindani

**Bagé
2026**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L533p

Leite, Kamilly Pereira

PRÁTICAS DE LEITURA E PERFIL DO ALUNO NA EDUCAÇÃO BÁSICA /

Kamilly Pereira Leite.

50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) – Universidade Federal do Pampa,
LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2026.
"Orientação: Evandro Ricardo Guindani".

1. Formação de leitores. 2. Contexto sociofamiliar. 3. Educação básica.. I. Título.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar meus passos, iluminar meu caminho e conceder forças para concluir esta etapa da minha vida.

À minha família, que sempre me incentivou e abraçou meus sonhos, oferecendo amor, apoio e inspiração em todos os momentos da minha vida, especialmente nesta etapa tão importante.

Ao meu orientador, que desde o primeiro contato se fez presente com alegria, acolhendo-me e orientando-me da melhor forma possível em cada etapa deste percurso.

À UNIPAMPA, por proporcionar um espaço de formação comprometido com uma educação pública de qualidade, oferecendo projetos, oportunidades de permanência e ações que fortalecem o aprendizado ao longo de toda a trajetória acadêmica.

Aos meus colegas, que tornaram esta caminhada mais leve, compartilhando experiências, risos e aprendizados que tornaram este percurso ainda mais significativo.

Às minhas amigas, que estiveram ao meu lado nos momentos de cansaço e também nos de alegria, compartilhando comigo tantos instantes desta jornada, com apoio e acolhimento.

“A leitura é, provavelmente, uma outra maneira de
estar em um lugar.”
José Saramago

*Aos meus pais, que, desde a minha infância,
semearam em mim o amor pela leitura. É por essas
memórias tão afetuosas que hoje chego até aqui.*

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a influência do contexto sociofamiliar na formação de hábitos de leitura em alunos da educação básica, bem como compreender de que maneira as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos docentes contribuem para a constituição de leitores. Em um cenário contemporâneo marcado pela intensificação do uso das tecnologias digitais, pela multiplicidade de estímulos visuais e pelas desigualdades sociais e econômicas, observa-se que a leitura aprofundada e reflexiva tem ocupado um espaço cada vez mais reduzido no cotidiano de muitos jovens. Optou-se pela realização da pesquisa na rede pública estadual por reunir estudantes com diferentes trajetórias sociais, econômicas e culturais, o que possibilita compreender como essas vivências influenciam a formação dos hábitos de leitura. Nesse cenário, as oportunidades de acesso à informação, aos materiais de leitura e às práticas leitoras no ambiente familiar apresentam diferenças significativas, refletindo diretamente na constituição do leitor. Ao mesmo tempo, mantêm contato constante com celulares, redes sociais e outras mídias digitais que, embora ampliem as possibilidades de acesso a textos, nem sempre favorecem a construção de práticas leitoras críticas e significativas. A fundamentação teórica deste trabalho articula aspectos institucionais e pedagógicos para compreender a formação do leitor no contexto brasileiro. Oliveira (2011) e Chinellatto (2023) contribuem para a discussão sobre as políticas públicas de incentivo à leitura e o papel do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). No campo pedagógico, Fujita e Franco (2018) destacam a importância da linguagem no desenvolvimento da criança e na formação de leitores, enquanto Oliveira (2018) defende a leitura como uma prática social e cultural que vai além da simples decodificação, ressaltando a importância da mediação docente na construção de experiências significativas de leitura. Metodologicamente, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com a coleta de dados realizada por meio de questionários aplicados a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e a professores de Língua Portuguesa, com o objetivo de compreender as relações entre o contexto sociofamiliar, os hábitos de leitura e as estratégias pedagógicas de incentivo à formação leitora. Os resultados demonstram que articulação entre práticas escolares e ambiente familiar é fundamental para o fortalecimento do hábito leitor, pois a leitura se constrói de forma contínua e significativa quando vivenciada em diferentes espaços e mediada por exemplos próximos.

Palavras-Chave: Formação de leitores; contexto sociofamiliar; educação básica.

ABSTRACT

This study aims to analyze the influence of the socio-family context on the development of reading habits among students in basic education, as well as to understand how the pedagogical practices developed by teachers contribute to the formation of readers. In the contemporary context, marked by the intensification of digital technologies, the proliferation of visual stimuli, and social and economic inequalities, deep and reflective reading has occupied an increasingly smaller space in the daily lives of many young people. The research was conducted in the state public school system because it brings together students from diverse social, economic, and cultural backgrounds, making it possible to understand how these experiences influence the development of reading habits. In this context, opportunities for access to information, reading materials, and reading practices within the family environment vary considerably, directly influencing the formation of readers. At the same time, students maintain constant contact with mobile phones, social media, and other digital media, which, although they expand access to texts, do not always promote the development of critical and meaningful reading practices. The theoretical foundation of this work articulates institutional and pedagogical aspects to understand reader formation in the Brazilian context. Oliveira (2011) and Chinelatto (2023) contribute to the discussion on public policies to encourage reading and the role of the National Book and Reading Plan (PNLL). In the pedagogical field, Fujita and Franco (2018) highlight the importance of language in child development and in the formation of readers, while Oliveira (2018) defends reading as a social and cultural practice that goes beyond simple decoding, emphasizing the importance of teacher mediation in the construction of meaningful reading experiences. Methodologically, the research adopted a qualitative approach, of a descriptive and exploratory nature, with data collection carried out through questionnaires applied to 9th-grade students and Portuguese language teachers, with the aim of understanding the relationships between the socio-family context, reading habits, and pedagogical strategies to encourage reading development. The results demonstrate that the connection between school practices and the family environment is fundamental for strengthening reading habits, since reading is built continuously and meaningfully when experienced in different spaces and mediated by familiar examples.

Keywords: Reader development; socio-family context; basic education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Respostas dos alunos	35
Figura 2: Respostas dos alunos	36
Figura 3: Respostas dos alunos	36
Figura 4: Respostas dos alunos	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1. A prática de leitura no contexto escolar brasileiro: políticas públicas e experiências pedagógicas	15
2.2. A importância da prática de leitura para o estudante	23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
3.1 Contexto investigativo e caracterização dos participantes	26
3.2 Instrumentos de pesquisa e constituição do corpus	27
3.3 Procedimentos de análise e justificativa do estudo	27
3.4 Análise dos dados - questionário discentes	28
3.5 Análise dos dados - questionário docentes	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES	48

1 INTRODUÇÃO

Desde muito pequena tive contato com a leitura. Lembro dos meus pais contando e lendo histórias para mim, às vezes porque eu pedia, outras porque era o nosso momento de aconchego antes de dormir. Embora minha família não tivesse condições de comprar livros com frequência, isso nunca fez com que eles faltassem na minha vida, especialmente porque a escola onde estudei desempenhou um papel fundamental ao me possibilitar levar para casa livros emprestados, os quais eu guardava como verdadeiros tesouros e lia com entusiasmo. As histórias também chegavam até mim pelas mãos de primas e primos que os compartilhavam e, principalmente, pelo esforço constante dos meus pais em adquirir diferentes livros sempre que podiam, o que me faz perceber hoje, ao olhar para trás, que foi justamente essa combinação de incentivo, afeto e oportunidades que alimentou meu gosto pela leitura e a fez uma presença viva na minha trajetória. No entanto, reconheço que essa vivência, embora importante, não determina, por si só, a formação de um leitor, pois esse processo é construído por diferentes experiências, contextos e relações ao longo da vida.

Essas narrativas simples, mas tão cheias de afeto, foram despertando em mim o gosto pelas palavras, pela imaginação e pela curiosidade de conhecer outros mundos. Crescer com livros e histórias fez com que a leitura se tornasse parte natural da minha vida, algo que me acompanha até hoje e que influenciou diretamente minhas escolhas. Com o tempo, fui percebendo o quanto esses primeiros gestos, aparentemente tão pequenos, transformaram meu olhar e me fizeram entender a importância da leitura na formação de qualquer pessoa. É também por causa dessas memórias que nasce o desejo de investigar como a leitura acontece na vida de estudantes da rede pública, assim como aconteceu comigo. Quero compreender suas experiências, seus desafios e as maneiras como a escola e a família contribuem – ou deixam de contribuir – para esse processo. Dessa forma, unir minhas lembranças à pesquisa tornou-se um caminho sincero e significativo para refletir sobre o papel da leitura no desenvolvimento dos jovens leitores de hoje.

A leitura, afinal, assume muitos sentidos. Para alguns, torna-se um refúgio, um espaço seguro onde podem se perder em histórias, viajar por outros mundos e encontrar momentos de silêncio e reflexão. Para outros, é uma forma de conexão, com pessoas, com ideias, com culturas diferentes e com a própria compreensão de si mesmos. Ela não se limita à escola ou aos livros: está presente em gestos, imagens, textos digitais, conversas e experiências cotidianas. É nesse encontro entre o leitor e o mundo que a leitura se torna

prática viva, capaz de transformar pensamentos, emoções e formas de compreender a realidade.

A frase marcante de Mário Quintana “Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem” convida a uma reflexão profunda sobre a essência da leitura na formação humana. Contudo, em um mundo contemporâneo repleto de estímulos e distrações, marcado por desigualdades sociais e econômicas, surge uma questão fundamental: o desafio está na vontade do aluno ou na acessibilidade e no sentido que o ato de ler oferece?

É simples rotular os estudantes como “analfabetos funcionais”, no entanto, dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf, 2024) mostram que 29% da população brasileira entre 15 e 64 anos é considerada analfabeta funcional, evidenciando que essa realidade ultrapassa os limites da escola e reflete desafios sociais, econômicos e educacionais. As oportunidades de acesso à leitura e aos bens culturais são distribuídas de forma desigual entre os diferentes contextos educacionais e familiares, influenciando diretamente as experiências leitoras dos estudantes. Embora muitos estudantes da rede privada tenham maior acesso a livros e recursos educacionais, esse aspecto, por si só, não garante a formação de leitores competentes. Muitos jovens percorrem caminhos de leitura estreitos, pouco diversificados e pouco conectados com suas próprias vidas. Frequentam espaços físicos e pedagógicos que raramente despertam curiosidade, encantamento ou prazer, e que não oferecem textos capazes de dialogar com suas experiências, sonhos e desafios.

Nesse cenário, a escola enfrenta o desafio de ir além da simples decodificação das palavras presentes nos textos literários, assumindo o papel de mediadora da formação do leitor. Mais do que compreender o significado literal do texto, é necessário favorecer experiências de leitura que permitam interpretar, imaginar, emocionar-se e construir sentidos. Ler deixa de ser uma obrigação cansativa e se torna uma chave para explorar o mundo, analisar a realidade, questionar, imaginar e construir sentido. A leitura, quando bem mediada, não apenas informa, mas transforma, aproximando o estudante de si mesmo, do outro e das múltiplas possibilidades que a vida oferece, tecendo uma conexão pessoal com cada texto.

O presente trabalho, intitulado *Práticas de Leitura e Perfil do Aluno na Educação Básica*, tem como objetivo analisar como o contexto sociofamiliar e a atuação mediadora dos professores se articulam na formação de hábitos de leitura em alunos da educação básica. Cada aluno traz consigo um conjunto único de vivências, interesses, curiosidades e desafios, que moldam a forma como percebe e interpreta os textos. Enquanto alguns se encantam por

histórias fantásticas, outros preferem textos informativos, quadrinhos ou materiais digitais. Alguns refletem silenciosamente sobre o que leem, enquanto outros se envolvem de maneira mais expressiva e entusiasmada.

Observar e compreender o perfil dos alunos é essencial para que o professor consiga tornar o ensino uma experiência significativa. O mapeamento das condições sociofamiliares, somado ao entendimento dos interesses, das motivações e dos modos de interação dos jovens com os textos, permite selecionar práticas pedagógicas e obras que dialoguem diretamente com a realidade de cada estudante. Assim, a escola deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos e se torna um ambiente de descoberta, onde a leitura se apresenta como instrumento de formação crítica, intelectual e emocional. Formar leitores vai muito além de simplesmente disponibilizar livros ou ensinar técnicas de decodificação; depende fundamentalmente da sensibilidade do professor em criar oportunidades para que os estudantes explorem diferentes textos, oferecendo caminhos para a descoberta e despertando o interesse genuíno pela leitura. Trata-se de cultivar o prazer de ler, refletir e se conectar com o mundo, contribuindo para a formação de indivíduos críticos, conscientes e capazes de agir de maneira significativa em diversos contextos.

Diante disso, este estudo propõe-se a analisar as influências do contexto sociofamiliar na formação de hábitos de leitura em alunos da educação básica, buscando compreender como suas experiências, interesses e características individuais influenciam na maneira como eles se relacionam com diferentes tipos de textos. Reconhece-se, ainda, a importância fundamental da atuação do professor na implementação e mediação dessas práticas de leitura no ambiente escolar, garantindo que os estudantes se envolvam de forma significativa com os textos. Para que isso seja concretizado, traçamos os seguintes objetivos específicos:

Analisar o perfil do aluno quanto ao contexto social e familiar;

Investigar a percepção do aluno sobre o ato de ler e suas experiências com a leitura;

Identificar a percepção dos professores sobre a relação entre o perfil do aluno e práticas de leitura em sala de aula;

Analisar os desafios que a escola e os professores enfrentam no desenvolvimento de atividades que fomentam a leitura.

Dessa forma, busca-se evidenciar que a leitura não se restringe a mais uma habilidade a ser desenvolvida na escola, mas se configura como um verdadeiro processo de formação integral do sujeito, que envolve emoção, pensamento crítico, criatividade e a construção de significado. Ler é, antes de tudo, um encontro: com a cultura, com o conhecimento e consigo mesmo. É atravessar mundos, explorar ideias, sentir histórias e refletir sobre experiências

próprias e alheias. Compreender a leitura como um resgate da memória, uma ponte para diferentes saberes e uma ferramenta capaz de ampliar horizontes permite que o estudante se torne um sujeito mais consciente, crítico e sensível, apto a interpretar, analisar, questionar e interagir com o mundo de maneira plena e significativa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste trabalho busca compreender a prática de leitura no contexto escolar brasileiro, articulando políticas públicas e experiências pedagógicas. A leitura é entendida como prática social e cultural que vai além da decodificação de palavras, envolvendo desenvolvimento cognitivo, afetivo e criativo desde a primeira infância.

O tópico 2.1 aborda a atuação do Estado e programas voltados à formação de leitores, como PNBE, PROLER e PNLL, destacando seus objetivos, desafios e contribuições para a cultura leitora (De Oliveira, D, 201 ; De Oliveira, M, 2018; Chinelatto, 2023). Já o tópico 2.2 trata da importância da leitura para o estudante, enfatizando o papel da mediação de adultos, assim como o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da autonomia (Chinelatto, 2023; Fujita e Franco, 2018; De Oliveira, 2018).

Assim, a fundamentação integra as dimensões institucional e pedagógica, evidenciando como políticas públicas, escolas e professores colaboram para a formação de leitores críticos, autônomos e socialmente participativos.

2.1. A prática de leitura no contexto escolar brasileiro: políticas públicas e experiências pedagógicas

O desenvolvimento da prática de leitura no contexto escolar brasileiro tem sido, historicamente, um dos eixos centrais das discussões educacionais. Esse percurso é atravessado por diversos desafios e pela implementação contínua de políticas públicas federais voltadas à formação de leitores. Embora a escola seja reconhecida como o principal espaço de desenvolvimento dessas habilidades, a qualidade ainda insuficiente da educação básica no Brasil evidencia a necessidade de ampliar o alcance das ações de incentivo à leitura, contemplando outros ambientes e diferentes públicos. A consolidação de leitores autônomos, portanto, exige a criação de um ambiente propício às práticas de leitura e a presença constante de textos escritos no cotidiano, de maneira que o ato de ler se torne uma necessidade concreta e significativa (De Oliveira, 2011, p. 9).

A atuação do Estado brasileiro no campo do livro e da leitura tem um percurso longo, mas ganha um novo impulso especialmente após a redemocratização (1980). Para compreender o desenvolvimento das políticas públicas educacionais no Brasil, especialmente aquelas voltadas à formação de leitores, é necessário reconhecer que tais ações estão inseridas em um movimento maior de reconfiguração do Estado brasileiro ao longo das últimas décadas. De Oliveira (2011) apresenta um panorama detalhado desse processo histórico, destacando como transformações políticas, administrativas e econômicas moldaram as

diretrizes das políticas sociais, incluindo a educação e a leitura. Conforme observa a autora, tais transformações resultaram em novas formas de gestão, descentralização e fortalecimento da participação social, aspectos que influenciam diretamente a concepção e a execução de programas educacionais.

Nesse sentido, De Oliveira (2011, p. 27-28) ressalta:

Na década de 1970, com a crise do regime autoritário e do modelo nacional desenvolvimentista, também começaram a surgir mudanças no âmbito da administração pública com o início do debate sobre a reforma do Estado, que se fortaleceu na década de 1980 durante o processo de redemocratização (ABRUCIO, 2007; FARAH, 2001). As principais mudanças na atuação do Estado, que tiveram como marco a elaboração da Constituição de 1988, foram o fortalecimento do controle externo, a descentralização das políticas públicas e a profissionalização da burocracia. [...] A descentralização e a participação, conforme destaca Marta Farah, eram vistas como fundamentais para garantir equidade e incluir novos segmentos da população no atendimento estatal. (DE OLIVEIRA, 2011, p. 27-28). Entre o final da década de 1980 e o início dos anos de 1990, a crise fiscal e a escassez de recursos financeiros fizeram com que a agenda da reforma do Estado incorporasse preocupações com a qualidade, eficiência, eficácia e efetividade da ação estatal (FARAH, 2001; ABRUCIO, 2007). (DE OLIVEIRA, 2011, p. 28).

Compreender esse contexto histórico e administrativo é essencial para analisar como as políticas públicas de leitura se estruturaram no Brasil e como elas influenciam, ainda hoje, a formação de leitores e o desenvolvimento das práticas de leitura no ambiente escolar.

A trajetória do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) passou por mudanças significativas ao longo dos anos, especialmente no que diz respeito à forma de distribuição dos acervos. Inicialmente criado para enviar livros às bibliotecas escolares, o programa passou por uma alteração importante em 2001, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, quando os acervos deixaram de ser destinados às bibliotecas e passaram a ser enviados diretamente às moradias dos estudantes. Essa mudança inaugurou o projeto Literatura em Minha Casa, ampliando o acesso individual ao livro. Como descreve a autora:

Em 2001, no governo de Fernando Henrique Cardoso, o PNBE deixou de distribuir os acervos para as bibliotecas escolares e passou a destiná-los diretamente aos estudantes, dando início ao PNBE - Literatura em Minha Casa que visava à distribuição de cinco livros de gêneros diversos para cada aluno da 4ª série das escolas públicas. Em 2003 e 2004, a distribuição foi ampliada para alunos de 4ª a 8ª séries e também para formandos dos Cursos de Educação de Jovens e Adultos, chegando a distribuir oito milhões de coleções neste ano.

A suspensão do projeto Literatura em Minha Casa, em 2004, durante o governo Lula, marcou uma mudança de orientação nas políticas de distribuição de livros. Ao redirecionar os acervos novamente para as bibliotecas escolares, o Ministério da

Educação reafirmou o entendimento de que a biblioteca é um espaço coletivo estratégico na promoção do acesso ao livro.

Essa mudança teve como propósito “a retomada da valorização desse espaço, a biblioteca, como promotor da universalização do conhecimento e, também, da universalização do acesso a acervos pelo coletivo da escola” (PAIVA, 2008). (De Oliveira, 2011, p. 42)

Mesmo com críticas e apontamentos sobre a necessidade de aprimoramento do programa, as pesquisas mostraram que o PNBE trouxe resultados importantes para a formação de leitores, especialmente ao ampliar o contato dos estudantes com os livros e fortalecer momentos de leitura dentro da escola. Ainda assim, a experiência do programa deixa claro que a simples distribuição de acervos não basta para transformar as práticas pedagógicas. Para que os livros realmente façam parte do cotidiano escolar, é essencial que essa distribuição venha acompanhada de formação para os professores, que são os principais responsáveis por dar vida aos acervos, mediando a leitura e criando oportunidades reais para que os alunos se aproximem da literatura.

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), criado em 1992 e ligado à Fundação Biblioteca Nacional, representou um passo importante na compreensão de que o Estado também precisa assumir a responsabilidade de formar leitores.

O PROLER foi instituído com “o compromisso de promover ações de valorização social da leitura. Esse propósito envolve políticas de difusão de livros e bens de leitura destinadas a torná-los disponíveis ao maior número possível de pessoas, mas exige, principalmente, a constituição de uma política voltada à formação de leitores e de agentes de leitura” (PROLER, 2009, p. 11). Seus principais objetivos são: promover o interesse nacional pela leitura e pela escrita, considerando a sua importância para o fortalecimento da cidadania; promover políticas públicas que garantam o acesso ao livro e à leitura, contribuindo para a formulação de uma Política Nacional de Leitura; articular ações de incentivo à Leitura entre diversos setores da sociedade; viabilizar a realização de pesquisas sobre livro, leitura e escrita; e incrementar o Centro de Referência sobre leitura (PROLER, 2009). (De Oliveira, 2011, p. 37)

Desde o início, o programa buscou ir além da simples circulação de livros: pretendia incentivar o gosto pela leitura, fortalecer a cidadania por meio do acesso ao escrito e formar pessoas capazes de atuar como mediadores de leitura em suas comunidades. Para isso, o PROLER se construiu em parceria com municípios, universidades, instituições culturais e organizações sociais, o que permitiu que suas ações alcançassem diferentes regiões do país. Seus princípios ressaltavam que ler é um ato social e que, para que isso se torne realidade, é preciso oferecer experiências significativas, mediadas por profissionais preparados. (De Oliveira, 2011, p. 37-38).

Com o passar dos anos e diante de mudanças administrativas, o PROLER também enfrentava sérios entraves financeiros devido à escassez de recursos da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), o que o obrigou a reduzir o alcance de suas ações, assim, o programa redefiniu seu foco e passou a priorizar professores e responsáveis por bibliotecas escolares como seu principal público. (De Oliveira, 2011, p. 40).

A partir dos anos 2000, a área do livro, leitura e bibliotecas passou por um processo significativo de reorganização política. Debates mais amplos sobre a leitura começaram a ganhar espaço, culminando na elaboração da Lei 10.753/2003 – a Política Nacional do Livro – que estabeleceu princípios fundamentais para garantir o acesso ao livro, reconhecer seu valor cultural e incentivar a formação de leitores. A lei visava, entre os objetivos:

- I - assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro;
 - II - o livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida;
 - III - fomentar e apoiar a produção, a edição, a difusão, a distribuição e a comercialização do livro;
 - IV - estimular a produção intelectual dos escritores e autores brasileiros tanto de obras científicas como culturais;
 - V - promover e incentivar o hábito da leitura;
 - VI - propiciar os meios para fazer do Brasil um grande centro editorial;
 - VII - competir no mercado internacional de livros, ampliando a exportação de livros nacionais;
 - VIII - apoiar a livre circulação do livro no País;
 - IX - capacitar a população para o uso do livro como fator fundamental para seu progresso econômico, político, social e para promover a justa distribuição do saber e da renda;
 - X - instalar e ampliar no País livrarias, bibliotecas e pontos de venda do livro;
 - XI - propiciar aos autores, editores, distribuidores e livreiros as condições necessárias ao cumprimento do disposto nesta Lei;
 - XII - assegurar às pessoas com deficiência visual o acesso à leitura (BRASIL, 2003).
- (De Oliveira, 2011, p. 47)

O Plano Nacional do Livro e Leitura foi oficialmente lançado em 2006, constituindo a primeira política pública brasileira articulada entre Ministério da Cultura e Ministério da Educação com foco simultâneo em acesso ao livro, formação de leitores, fortalecimento das bibliotecas, mediação da leitura e desenvolvimento da cadeia produtiva do livro. Sua intenção “era gerar um planejamento de médio e longo prazo, que pudesse se tornar uma política de Estado, não se limitando à atuação neste governo.” (De Oliveira, 2011, p. 49)

Pretende-se conferir a este Plano a dimensão de uma Política de Estado, de natureza abrangente, que possa nortear e garantir alguma organicidade a políticas, programas, projetos e ações continuadas desenvolvidos no âmbito de ministérios – em particular o da Cultura e o da Educação –, governos estaduais e municipais, empresas públicas e privadas, organizações da sociedade e de voluntários em geral, buscando evitar o

caráter por demais assistemático, fragmentário e pulverizado com que se têm implementado essas iniciativas em nosso país, desde, pelo menos, o início do século XIX (BRASIL, 2006b, p. 12).

Com o PNLL, “inicia-se um processo de articulação dos inúmeros projetos, programas, ações e atividades em geral ligadas ao livro, à leitura, à literatura e à biblioteca” (MACHADO, 2008, p. 82), reunindo ações que estavam dispersas e fragmentadas. O principal objetivo do Plano é:

assegurar e democratizar o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade, com base na compreensão de que a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis na época contemporânea para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades (BRASIL, 2006b, p. 25). (De Oliveira, 2011, p. 49-50)

O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), resultado de debates iniciados durante o Vivaleitura de 2005 e seguindo quatro eixos de ação, estabeleceu uma série de objetivos estratégicos de curto, médio e longo prazo, com o foco abrangente em formar leitores (visando o aumento do índice e da qualidade da leitura em todas as faixas etárias), em fortalecer a infraestrutura (incluindo a meta de implantar bibliotecas em todos os municípios em até dois anos), em desenvolver a economia do livro (aumentando a edição, o número de livrarias e a exportação) e entre outros (BRASIL, 2006b, p. 25-26). (De Oliveira, 2011, p. 50)

O PNLL constitui um avanço significativo nas políticas públicas de leitura no Brasil, especialmente por superar a lógica restrita do acesso ao livro e assumir que a formação de leitores depende também da formação de mediadores, professores e bibliotecários preparados para sustentar práticas leitoras contínuas.

O Decreto n.º 7559, publicado em 2011, tornou o PNLL estratégia permanente de planejamento, apoio, articulação de ações de fomento à leitura. Para implementar o PNLL, foram ofertadas formações para professores mediadores de leitura. Neste plano, a leitura e a escrita são consideradas práticas sociais e culturais, além de expressão e múltipla visão do mundo, processos unidos e inseparáveis. As ações do plano envolviam a democratização do acesso ao livro, fomento à leitura, incentivo à produção literária e desenvolvimento da economia nacional. Visavam à participação da sociedade leitora em um movimento de inclusão social no acesso a bens, serviços e cultura, orientado por quatro eixos norteadores: democratização do acesso; fomento à leitura e à formação de mediadores; valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; e desenvolvimento da economia do livro. (Chinelatto, 2023, p. 32)

A amplitude temática do PNLL, seu diálogo com a sociedade civil e a articulação entre diferentes esferas administrativas evidenciam o esforço para transformá-lo em uma política de Estado, e não apenas em uma ação pontual de governo, exigindo atenção e acompanhamento. Como observa De Oliveira (2011, p. 52-53):

[...] não bastam livros para formar leitores, é preciso formar também recursos humanos para trabalhar com os livros, tanto bibliotecários, como mediadores de leitura e professores da educação básica. [...] Apesar dessa nova política, assim como as anteriores, ainda estar bastante concentrada na questão do acesso ao livro e no desenvolvimento do mercado editorial, nota-se um

grande avanço ao considerar a leitura como uma prática cultural e social que deve ser incentivada continuamente e promovida nos mais diversos espaços.

Dessa forma, o PNLL se destaca justamente por tentar olhar para a leitura como uma prática viva, que precisa de pessoas, espaços e oportunidades para acontecer e não apenas de livros nas prateleiras. É esse olhar mais amplo que dá ao plano um papel relevante na formação de uma cultura leitora mais sólida no país.

Nesse mesmo sentido, embora a leitura seja amplamente discutida em escolas, universidades e eventos científicos, ela ainda se apresenta como um desafio complexo no processo de ensino. Compreender como o sujeito aprende a ler requer não apenas políticas amplas, como as propostas pelo PNLL, mas também aprofundamento teórico e reflexão sobre práticas pedagógicas que realmente favoreçam esse desenvolvimento, sobretudo nos anos iniciais.

O conceito de leitura, inicialmente, pode ser compreendido em seu sentido mais básico, como aponta De Oliveira, 2018 (p. 1068):

Destacamos alguns conceitos de leitura. Assim, para Aurélio (1988, p. 39), o significado de leitura "é ato ou efeito de ler; arte ou hábito de ler, aquilo que se lê; o que se lê, considerado em conjunto, arte de decifrar e lizar um texto de um autor, segundo determinado critério".

Freire (1982, p. 11) também destaca que ler contribui para que a criança compreenda o mundo que a cerca com olhar crítico, ler vai além de decodificar, para a criança ler é algo prazeroso, é uma das formas de conhecer o mundo independente de onde se encontra, é permitir viajar pelo imaginário com estímulos ao desenvolvimento integral. Segundo Freire (1982, p. 11):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele, Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Essa perspectiva explica por que, antes mesmo de ter contato com livros, a criança já desenvolve uma leitura de mundo. Os sons, as imagens, as interações cotidianas e os textos sociais presentes no ambiente familiar e comunitário constituem-se como práticas que dão sentido à realidade e formam as bases para a alfabetização.

Temos contato com as palavras desde que nascemos. Aprendemos palavras para que possamos reconhecer e dar sentido ao mundo onde vivemos. Para Cagliari (2000, p. 148), a leitura é atividade fundamental desenvolvida pela escola que visa a formação do ser. Para nos informar sobre o mundo, lemos jornais, revistas, tanto informações impressas como através da internet. Também nos informamos, com rótulos, receitas, bulas em que contemplamos dados e informações. (De Oliveira, 2018, p. 1069)

Neste trecho, destaca-se que ler não é um ato isolado, mas parte de um processo social que envolve diferentes linguagens, suportes e usos. Hoje, lemos jornais, revistas, rótulos,

bulas, textos digitais e muitas outras formas de informação e todas essas práticas fazem parte da constituição do leitor.

Assim, o processo de aquisição da leitura não se reduz ao contato com livros, mas envolve compreender, interpretar e atribuir sentido aos signos presentes no cotidiano. Um leitor é aquele que se relaciona com o texto e com o mundo, dialogando, refletindo e construindo significados.

Nessa jornada de formar leitores, a escola tem um papel de protagonista que não pode ser ignorado. Ela é, muitas vezes, o primeiro e mais importante lugar onde os estudantes encontram um mundo de textos variados de forma organizada e contínua. É ali que eles têm a chance de mexer, folhear e, principalmente, se conectar com diferentes tipos de histórias, informações e gêneros. É a escola que abre a porta para que a leitura não seja um evento raro, mas sim parte da rotina, fundamental para expandir o horizonte de cada aluno.

Infelizmente, a empolgação de ter a escola como um lugar de grandes descobertas literárias muitas vezes esbarra na dura realidade do dia a dia. Ao invés de um ambiente acolhedor, muitos estudantes encontram espaços que pouco inspiram a leitura, principalmente as bibliotecas. De Oliveira (2018) relata que o lugar que deveria ser o coração da leitura padece de estrutura:

No entanto, durante a observação na escola, verificou-se que no espaço da biblioteca há uma carência de espaço adequado para se fazer um trabalho satisfatório. Os auxiliares da biblioteca encontram dificuldades de desenvolver seu trabalho de maneira satisfatória e prazerosa para o desenvolvimento da leitura do aluno, devido à falta de apoio e de espaço físico, pois a sala é pequena e inadequada para fazer um trabalho dinâmico.

Nesse aspecto, também as pesquisas realizadas por de Cella Silva (2014, p. 151), em três escolas de Sinop, mostraram que:

O momento da história não priorizava um tempo organizado pelas crianças e para que as crianças ‘viajem’ no imaginário infantil e reelaborem seus saberes e conhecimentos, mas a leitura era escolhida pela professora nos horários por ela determinados.

A inadequação física do ambiente e a carência de apoio comprometem a atuação do profissional responsável pela mediação de leitura, limitando a execução de um trabalho dinâmico e prazeroso. Essa observação sugere que, em certos contextos, a leitura em sala de aula ainda pode ser vista como uma atividade curricular rigidamente controlada pelo docente, e não como um espaço de prazer, autonomia e reelaboração de saberes, o que se configura como um desafio para a formação de leitores autônomos.

Quando a biblioteca escolar e a infraestrutura não atendem às necessidades dos estudantes, a sala de aula acaba assumindo o papel de principal espaço de incentivo à leitura. Nesse cenário, o professor torna-se figura central: é ele quem organiza as práticas, cria

oportunidades de contato com os livros e mobiliza o interesse dos alunos, garantindo que a leitura aconteça de forma significativa.

O professor que realmente entende o potencial formativo da leitura transforma a sala em um espaço de liberdade e descobertas. Promove rodas de conversa, explora textos diferentes, gosta que o aluno faça perguntas e, sobretudo, respeita a escolha do estudante sobre o que deseja ler. Assim, a leitura vira prazer e não uma simples obrigação.

A valorização da liberdade de escolha é essencial, conforme observado por De Oliveira (2018):

Ao começar as aulas, as leituras são feitas na primeira aula para que o aluno se sinta livre em o que quer fazer. Como mostra Freire (2008, p. 56) "Quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo. [...] devemos pensar sobre a nossa vida diária. [...] aprender a ler e escrever não é decorar bocados de palavras para depois repeti-los"

Um primeiro passo para formar leitores críticos seria trazer a literatura de entretenimento para dentro da sala de aula. Trabalhar com o relato dessas leituras, debater a estrutura das narrativas, discutir seu apelo e sua recepção. É preciso partir do que as crianças leem para construir um repertório em comum.

Nesse sentido, incluir a literatura de entretenimento no currículo é essencial para formar leitores mais críticos. Quando a escola parte das leituras que os estudantes realmente apreciam, conversar sobre essas histórias, sua construção e seu impacto se torna mais significativo. Assim, o repertório dos alunos é valorizado e usado como base para ampliar conhecimentos, fortalecendo a leitura como prática cultural dentro e fora da escola.

Essa valorização do gosto e das preferências dos estudantes se complementa com a mediação da leitura, que desempenha papel central na formação de leitores críticos. Chinelatto (2023) questiona: “Se as crianças gostam de ler, por que deixam de ser leitores quando a idade aumenta?” Até os 10 anos, a mediação é feita principalmente por familiares ou professores do ensino fundamental, que usam a contação de histórias como recurso para despertar interesse e incentivar a compreensão. Nesse processo, os professores se tornam mediadores, aproximando as crianças dos livros e ajudando-as a se tornarem leitoras em desenvolvimento.

Um dos motivos é a mediação, que até os 10 anos é feita por familiares ou professores(as) do ensino fundamental, que utilizam muito a contação de histórias em sua intervenção. Segundo a pesquisa, os professores mediadores de leitura contribuem para o estímulo e para o surgimento de novos leitores. A escola tem contribuição significativa no hábito e no comportamento leitor dos estudantes e, conforme os dados da pesquisa 'Retratos da Leitura no Brasil', ao entrar na adolescência, a porcentagem de leitores é menor, o que tem sido uma constatação histórica. (Chinelatto, 2023, p. 24)

Essa constatação mostra que apenas ter livros disponíveis não basta para manter o hábito de leitura. É preciso que o professor crie experiências significativas, incentive a escolha dos livros pelos estudantes, valorize seus interesses e promova momentos de diálogo sobre o que é lido. Quando feito de forma consciente, esse trabalho de mediação desperta o prazer de ler e ajuda a formar leitores autônomos.

2.2. A leitura literária como experiência formativa

O processo de formação do leitor na primeira infância vai muito além do aprendizado da decodificação de letras ou palavras. Desde os primeiros contatos com livros, bebês e crianças pequenas começam a acessar um universo cheio de significados, cores, sons, cheiros e sensações. Ler nesse período não significa apenas compreender o que está escrito; trata-se de vivenciar experiências, sentir emoções e criar memórias. É um aprendizado que envolve o corpo, o afeto e se fortalece com a presença de adultos que leem junto, como pais, professores ou cuidadores, oferecendo atenção, diálogo e estímulo à imaginação, como a autora destaca a seguir:

O ato de ler um livro significa muito mais que decifrar o que está escrito, os códigos e as palavras impressas. Vai muito mais além disso. Memórias são criadas, retomadas, e as vivências e as experiências ficam retidas na memória, porém algumas não são guardadas devido à seletividade natural. Como lembra Borges (1985, p. 79) “somos feitos em larga medida de memória”, então para que elas não se percam o livro pode auxiliar nas possibilidades de reviver experiências. (Chinelatto, 2023, p. 57)

A exposição à leitura desde os primeiros anos de vida ultrapassa o simples ensino de palavras ou letras. Mesmo antes de a criança saber ler formalmente, ouvir histórias, manusear livros e participar de momentos de leitura com adultos contribui significativamente para o desenvolvimento cerebral, estimulando conexões neurológicas essenciais ao seu crescimento. Conforme aponta Chinelatto (2023, p. 58), “os primeiros anos de vida são particularmente determinantes, especialmente o período de 0 a 3 anos, considerado a fase de maiores possibilidades para a maturação e aprendizagem”.

Nesse contexto, a palavra se apresenta como uma ferramenta poderosa, permitindo que a criança nomeie o mundo, compreenda a si mesma e organize suas experiências de forma reflexiva. Ler desde cedo, portanto, não significa apenas ensinar a decodificar textos, mas apoiar o desenvolvimento do pensamento, da expressão e da sensibilidade. A leitura nutre a criatividade, a imaginação e a compreensão do mundo, reforçando que somos, em nossa essência, constituídos por pensamento, linguagem e expressão.

O desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da criatividade na infância está profundamente ligado ao contexto social e às experiências vividas pelas crianças. Chinelatto

(2023) aponta que Vygotsky compreende a linguagem e a escrita não como processos isolados, mas como sistemas interligados de comunicação verbal e não verbal. A criança não constrói a linguagem sozinha; ela se apropria da linguagem nas relações que estabelece com o outro e com o meio em que vive. A fala dos pais, as histórias que escuta, as brincadeiras que inventa e recria e as interações cotidianas constituem instrumentos culturais fundamentais para que ela compreenda, atribua significados e interaja com o mundo ao seu redor.

Para o autor, a criança desenvolve a linguagem a partir do social e depois no individual, com os signos apreendidos na realidade externa conecta-os subjetivamente e os transforma internamente. Esse processo é chamado de internalização, portanto o que constitui o ser humano em sua dimensão cultural é a linguagem. O pensamento da criança se desenvolve inicialmente sem a linguagem. [...] a criança começa por uma palavra, passando em seguida a relacionar duas ou três palavras entre si; um pouco mais tarde progride das frases simples para as mais complexas, e finalmente chega à fala coerente, constituída por uma série dessas frases; em outras palavras, vai da parte para o todo. Por outro lado, quanto ao significado, a primeira palavra da criança é uma frase completa. Semanticamente, a criança parte do todo, de um complexo significativo, e só mais tarde começa a dominar as unidades semânticas separadas, os significados das palavras, e a dividir o seu pensamento, anteriormente indiferenciado, nessas unidades (Vygotsky, 2006, p. 157). (Chinelatto, 2023, p. 60)

Assim, a criança inicialmente utiliza a linguagem para se comunicar socialmente e, gradualmente, internaliza essas palavras, transformando-as em ferramentas de pensamento. O desenvolvimento do pensamento ocorre de maneira progressiva, partindo de experiências globais para a compreensão de unidades de significado, construindo habilidades cognitivas e simbólicas essenciais.

Proporcionar o acesso à literatura de qualidade aos estudantes desde a primeira infância é oferecer elementos que somados às experiências acumuladas vão colaborar para o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da constituição do sujeito (Chinelatto, 2023, p. 61).

Nesse processo, o professor assume papel central, selecionando textos, propondo atividades significativas e estimulando reflexão e expressão. Ao ler juntos e manusear livros, os pequenos aprendem a criar mundos imaginários e a transformar suas próprias experiências em histórias, desenhos ou brincadeiras, expressando pensamentos e emoções de forma criativa. A leitura, nesse sentido, funciona como uma construção coletiva do saber, em que alunos e professores participam ativamente da criação de significados. Nesse processo, a leitura estimula funções psíquicas superiores, como memória, atenção, planejamento, imaginação e controle do comportamento, permitindo que o aluno conecte o que já conhece com novas ideias. Como observam Fujita e Franco (2018, p. 728):

Outra consideração importante é que a linguagem auxilia em atividades que exigem ações mentais, como o memorizar, a atenção, o pensar, planejar, lembrar, imaginar, controlando a consciência e o comportamento humanos.

Dessa forma, a leitura abre espaço para diferentes interpretações e formas de compreender a realidade, conectando-se a outras experiências culturais e artísticas e contribuindo para o desenvolvimento intelectual e emocional do aluno.

Por isso, a prática da leitura na escola precisa ser planejada e intencional, indo além do ensino da escrita e da simples decodificação de palavras. Ler não significa apenas reconhecer letras, sílabas e frases, mas compreender, interpretar, questionar e atribuir sentidos ao que se lê, relacionando o texto às experiências vividas e à realidade que cerca o estudante. Nesse processo, a leitura amplia a percepção crítica, estimula a criatividade, fortalece a capacidade de expressão e favorece a construção de opiniões próprias, contribuindo assim, para a formação de sujeitos autônomos, reflexivos e conscientes do seu papel no mundo e na cultura em que estão inseridos, capazes de participar de forma ativa e responsável da vida em sociedade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e exploratório, e busca compreender como se dá a formação de leitores no contexto escolar, especialmente a partir dos aspectos sociais que atravessam esse processo. Nesse sentido, parte-se dos seguintes questionamentos: Como o contexto sócio familiar e as práticas pedagógicas na escola contribuem e influenciam para formação de hábitos de leitura em alunos da educação básica do ensino fundamental II ?

3.1 Contexto investigativo e caracterização dos participantes

O estudo foi realizado em uma escola da rede estadual de ensino, localizada em um bairro periférico da cidade de Bagé - RS. A instituição atende, em sua maioria, estudantes provenientes de famílias de classe socioeconômica baixa, o que torna esse contexto especialmente relevante para esta pesquisa.

A escolha dessa unidade escolar não se dá apenas pela proximidade e facilidade de acesso, mas também por um vínculo pessoal com o espaço, já que foi nela que realizei o início da minha trajetória escolar. Essa proximidade favorece um olhar mais atento e sensível sobre a realidade investigada, sem deixar de lado o compromisso com o rigor e os princípios éticos que orientam a pesquisa acadêmica.

A turma participante da pesquisa foi composta por 25 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II. No entanto, participaram efetivamente da pesquisa 18 estudantes, uma vez que os demais estavam ausentes no dia da aplicação do questionário. A escolha por esse ano escolar se deve ao fato de representar o encerramento de um ciclo importante da educação básica, momento em que se espera que os estudantes já tenham desenvolvido certa autonomia como leitores, bem como critérios mais definidos na escolha de textos. A coleta de dados foi realizada presencialmente, respeitando a organização do cronograma escolar, de modo a favorecer a participação dos alunos.

A pesquisa também contou com a participação de três professores de Língua Portuguesa que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental. A inclusão desses docentes justifica-se pelo fato de acompanharem de perto o desenvolvimento dos estudantes e estarem diretamente envolvidos nas práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula. São eles que propõem atividades, incentivam o contato com os textos e percebem, no dia a dia, as dificuldades e os avanços dos estudantes. Compreender as práticas tanto dos professores

quanto dos alunos permite um olhar mais atento sobre essa realidade, ao considerar as perspectivas de quem ensina e de quem aprende. Dessa forma, torna-se possível construir uma visão mais completa sobre a formação de leitores na escola, entendendo não só os hábitos dos estudantes, mas também como as práticas pedagógicas podem contribuir para esse processo.

Ressalta-se que, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa, foram garantidos o sigilo da identidade dos participantes e a preservação da instituição escolar envolvida.

3.2 Instrumentos de pesquisa e constituição do corpus

A coleta de dados aconteceu por meio da aplicação de um questionário (apêndices A e B) para os discentes e outro para os docentes, criados pela autora. Com os alunos, buscou-se compreender seus hábitos de leitura, investigando aspectos como a frequência com que leem, se costumam ter contato com a leitura em casa, se recebem incentivo da família, se possuem acesso a materiais de leitura e como percebem o ato de ler em suas vidas, se mais como uma exigência escolar ou como uma prática ligada ao interesse e ao prazer.

Com os professores de Língua Portuguesa, o foco foi compreender suas percepções sobre os hábitos de leitura dos alunos, bem como as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula com o objetivo de incentivar a formação de leitores. Serão consideradas, nesse sentido, as estratégias utilizadas, a escolha de textos e as dificuldades observadas no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

O corpus da pesquisa foi constituído pelas respostas obtidas nos questionários, que serviram de base para a análise dos dados. Essa análise foi realizada sob uma abordagem qualitativa, com o objetivo de identificar padrões e categorias relacionados ao comportamento leitor dos alunos, ao papel da família e às contribuições da escola nesse processo. A partir do diálogo entre as respostas de estudantes e professores, buscou-se construir uma compreensão mais aprofundada sobre como esses diferentes fatores se articulam na formação do leitor.

3.3 Procedimentos de análise e justificativa do estudo

A escolha deste tema surge da percepção de que a formação de leitores ainda é um desafio presente na educação básica brasileira. Em muitos contextos, o acesso à leitura não acontece de forma igual para todos, ficando, muitas vezes, restrito ao ambiente escolar. Isso

faz com que a escola assuma um papel central nesse processo, sendo, em alguns casos, o principal espaço de contato dos alunos com livros e outras práticas de leitura. Diante disso, torna-se importante compreender como as experiências vividas fora da escola influenciam a relação dos estudantes com a leitura dentro dela, possibilitando repensar práticas pedagógicas e aproximar o ensino da realidade dos alunos.

Nesse percurso, o papel da família também merece atenção, já que o incentivo em casa pode fazer diferença na construção do hábito de leitura. De forma pessoal, esse incentivo teve impacto no meu desenvolvimento pelo gosto pela leitura, o que reforça a importância desse apoio no cotidiano dos estudantes. Na mesma importância, olhar para as práticas dos professores permite refletir sobre como a escola pode contribuir de maneira mais significativa, criando estratégias que despertem o interesse dos alunos e fortaleçam sua relação com a leitura.

Assim, ao considerar tanto o contexto familiar quanto o escolar, a pesquisa busca compreender melhor como se constrói o hábito leitor, abrindo espaço para pensar caminhos que favoreçam a formação de leitores mais críticos, autônomos e envolvidos com a leitura em seu dia a dia.

3.4 Análise dos dados - questionário discentes

A análise foi desenvolvida a partir do questionário (apêndice A) aplicado aos alunos do nono ano de uma escola estadual. Embora a turma possuísse 25 estudantes matriculados, apenas 18 estavam presentes no dia da aplicação e responderam às perguntas. O objetivo do questionário foi compreender a relação dos alunos com a leitura, investigando o acesso a materiais escritos, incentivo familiar, frequência leitora, preferências de leitura e estímulo pedagógico. Com isso, para a realização da análise dos dados, partiu-se dos seguintes questionamentos orientadores: Como os estudantes da educação básica constroem sua relação com a leitura dentro e fora da escola? e de que maneira os contextos familiares, sociais e escolares influenciam a formação de seus hábitos e práticas leitoras? A partir dessas questões, buscou-se compreender não apenas a frequência com que os estudantes leem, mas também as experiências afetivas, culturais e sociais que atravessam sua relação com a leitura, assim como, identificar quais fatores podem contribuir para o interesse, o afastamento ou a aproximação desses alunos em relação às práticas leitoras. Nesse processo, algumas interpretações e sugestões foram levantadas; no entanto, é importante considerar que elas não possuem caráter definitivo, uma vez que não se conhece de forma aprofundada o histórico

sociocultural dos estudantes participantes da pesquisa. Sendo assim, as reflexões apresentadas partem dos dados obtidos nos questionários e das possíveis relações estabelecidas a partir deles.

Ainda que esta pesquisa seja realizada em apenas uma turma e em uma realidade específica, os resultados encontrados não podem ser vistos como casos isolados, muitas das situações observadas ao longo da análise se aproximam de desafios que vêm sendo discutidos há anos no cenário educacional brasileiro, especialmente no que diz respeito ao acesso aos livros, às oportunidades de vivenciar práticas de leitura e às desigualdades que atravessam a formação de leitores. Como apresentado na fundamentação teórica deste trabalho, iniciativas como o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) surgem justamente como respostas à necessidade de ampliar esse acesso e democratizar a leitura. Embora este estudo não permita generalizações, ele possibilita lançar um olhar sensível para uma realidade que, em muitos aspectos, se repete em diferentes escolas do país, revelando que os hábitos leitores são construídos a partir de experiências marcadas pelos contextos familiares, sociais, culturais e escolares vividos pelos estudantes.

É nesse contexto que os dados apresentados a seguir ganham sentido, pois, mais do que indicar a frequência com que os estudantes leem, eles permitem compreender que a relação com a leitura é atravessada por diferentes experiências, incentivos e desafios que influenciam a construção do hábito leitor. Ao analisar as respostas, observaram-se dificuldades não apenas na formação desse hábito, mas também contradições que reforçam a complexidade dessa relação e os diferentes significados que a leitura assume na vida desses jovens.

Os dados mostram, inicialmente, uma realidade preocupante em relação ao acesso à leitura dentro do ambiente familiar. Quando questionados sobre a presença de livros ou materiais de leitura em casa, apenas 8 estudantes responderam positivamente, enquanto 10 afirmaram não possuir esse tipo de material. Esse resultado indica que mais da metade dos alunos cresceram em ambientes nos quais a leitura não ocupa um espaço significativo no cotidiano. Quando os livros estão ausentes do contexto familiar, as oportunidades de aproximação com a leitura tendem a ser menores, o que pode dificultar a formação do hábito leitor desde os primeiros anos de vida. Essa realidade pode estar relacionada a questões econômicas, mas também pode indicar que a leitura não faz parte das práticas e experiências compartilhadas pela família.

Ao analisar a questão sobre o incentivo familiar à leitura, percebe-se que as respostas dos estudantes revelam realidades bastante diferentes entre si. 9 estudantes afirmaram receber

incentivo da família para ler, enquanto outros 9 responderam negativamente. Ainda que o número esteja dividido igualmente, as observações feitas a partir das respostas demonstram nuances importantes. Entre os participantes, 5 alunos responderam “não” tanto para a presença de livros ou materiais de leitura em casa quanto para o incentivo familiar à leitura. Isso sugere um ambiente em que a leitura pouco faz parte do cotidiano, seja pela ausência de materiais, pela rotina familiar ou até mesmo pela falta de contato dos próprios responsáveis com práticas leitoras. Em contextos assim, o aluno acaba tendo menos oportunidades de criar vínculos com a leitura fora da escola, o que pode influenciar diretamente seu interesse e frequência leitora. Por outro lado, alguns dados revelam situações mais complexas: 5 estudantes afirmaram não possuir livros ou materiais de leitura em casa, mas responderam que recebem incentivo para ler. Entre eles, 2 apontaram a mãe como principal incentivadora. Também houve 1 estudante que mencionou o pai e o avô como incentivadores, além de outro que indicou “meus pais”. No total, 7 alunos identificaram a mãe como a principal figura de incentivo à leitura. Esse dado chama atenção para o papel que muitas mães desempenham na vida escolar dos filhos. Em muitos casos, elas são as principais responsáveis por acompanhar os estudos, incentivar a permanência na escola e demonstrar preocupação com o futuro das crianças e adolescentes. Mesmo em contextos marcados por vulnerabilidades sociais e pouco acesso a materiais de leitura, algumas famílias, especialmente as mães, buscam incentivar os filhos da maneira que lhes é possível. Nem sempre isso acontece por meio da compra de livros ou de momentos de leitura em conjunto, mas aparece em atitudes simples do cotidiano, como perguntar sobre a escola, incentivar os estudos ou reforçar a importância de “ter um futuro melhor”. Esses gestos, ainda que sutis, demonstram cuidado, presença e valorização da educação.

Ao observar as formas de incentivo utilizadas pelas famílias, percebe-se que elas estão mais associadas à obrigação escolar do que ao desenvolvimento do prazer pela leitura. 8 estudantes responderam que a família incentiva os estudos “pedindo para estudar”, enquanto apenas 2 afirmaram receber livros e outros 2 disseram realizar leituras junto com familiares. Ainda, 6 estudantes declararam não receber nenhum tipo de incentivo. Esses dados sugerem que, para muitas famílias, a leitura aparece mais como uma obrigação ligada ao desempenho escolar do que como uma prática de lazer, afeto ou troca familiar. Em vez de momentos compartilhados de leitura ou conversas sobre livros, o incentivo costuma surgir através da cobrança pelos estudos e pelas tarefas da escola. Isso não significa falta de preocupação com os filhos, mas revela uma realidade em que muitas famílias, devido à rotina, às dificuldades

sociais ou até à própria relação que tiveram com a leitura ao longo da vida, acabam associando o ato de ler apenas ao compromisso escolar.

As respostas sobre os hábitos de leitura dos familiares reforçam ainda mais essa realidade. Apenas 1 estudante afirmou ver familiares lendo livros, jornais ou revistas com frequência. 8 responderam que não costumam ver ninguém da família realizando práticas de leitura, enquanto 9 marcaram a opção “às vezes”. Esses dados mostram que, para muitos alunos, a leitura não faz parte de forma constante do ambiente familiar, crescendo sem referências leitoras próximas, sem ver adultos lendo no dia a dia ou comentando sobre livros e outros textos.

Esse fator é importante porque as crianças e adolescentes tendem a construir muitos de seus hábitos a partir da observação das pessoas com quem convivem. Quando a leitura não aparece dentro de casa como algo natural e presente na rotina, ela pode acabar sendo associada apenas ao espaço escolar. Em muitos contextos familiares marcados por jornadas de trabalho extensas, dificuldades financeiras e pouco acesso a materiais de leitura, os responsáveis nem sempre conseguem criar momentos de leitura compartilhada, mesmo valorizando a educação dos filhos. Dessa forma, a ausência dessas referências leitoras não deve ser compreendida como falta de cuidado ou interesse das famílias, mas também como reflexo das condições sociais e culturais em que esses estudantes estão inseridos.

Algumas observações feitas a partir do cruzamento das respostas permitem reflexões interessantes. Cinco alunos afirmaram que “às vezes” veem familiares lendo, embora tenham indicado anteriormente que não possuem livros ou outros materiais de leitura em casa. Esse dado pode indicar que as práticas de leitura dentro dessas famílias acontecem de outras formas, especialmente por meio de celulares e dispositivos digitais, com redes sociais, mensagens, notícias e conteúdos da internet. Isso mostra que a leitura continua presente no dia a dia, embora nem sempre seja reconhecida pelos estudantes como uma prática leitora “tradicional”, ligada aos livros impressos. Em contrapartida, dois estudantes afirmaram possuir materiais de leitura em casa, mas responderam que não costumam ver familiares lendo. Isso pode sugerir que esses materiais existem, mas não fazem parte da rotina da família de forma ativa. Em alguns casos, os livros podem estar guardados, pouco utilizados ou até presentes apenas como objetos decorativos. Dessa forma, percebe-se que apenas ter acesso aos materiais de leitura não garante, necessariamente, a construção de uma cultura leitora dentro do ambiente familiar.

No que se refere à relação pessoal dos estudantes com a leitura, os dados revelam um vínculo ainda bastante frágil e instável. Apenas 3 alunos afirmaram gostar de ler, enquanto 5

disseram que não gostam e 10 responderam “às vezes”. O fato de a maioria ter escolhido a resposta intermediária mostra que muitos estudantes não possuem uma relação totalmente construída com a leitura. Em vez de enxergá-la como algo presente e prazeroso em suas vidas, parecem oscilar entre momentos de aproximação e afastamento, dependendo das experiências que vivenciam, do tipo de leitura oferecida ou até do contexto em que ela acontece.

As respostas também mostram que gostar de ler não significa, necessariamente, ter o hábito de leitura incorporado à rotina. Entre os três alunos que afirmaram gostar de ler, um declarou ler raramente e dois disseram ler apenas algumas vezes por semana. Nenhum estudante afirmou ler diariamente. Esse dado evidencia que, mesmo entre aqueles que demonstram afinidade com a leitura, ela ainda não ocupa um espaço constante no cotidiano. Isso pode indicar que muitos estudantes até encontram prazer em determinadas leituras, mas enfrentam dificuldades para transformar essa prática em hábito. A rotina, o uso excessivo das telas, a falta de incentivo contínuo ou até a ausência de tempo e de acesso aos materiais podem interferir nesse processo. Vale ressaltar que é importante considerar que o hábito de leitura costuma ser construído aos poucos, através de experiências positivas e frequentes, algo que muitos desses alunos talvez ainda não tenham vivenciado plenamente. Outro aspecto interessante é que todos os estudantes que afirmaram gostar de ler demonstraram preferência pela leitura de livros. Esse dado sugere que, apesar das dificuldades apontadas ao longo da pesquisa, alguns alunos ainda conseguem estabelecer uma conexão com narrativas mais longas e envolventes, mostrando que o problema não está necessariamente no ato de ler em si, mas, muitas vezes, na falta de oportunidades, estímulos e experiências leitoras que despertem identificação, interesse e deleite.

Quando questionados sobre a frequência de leitura fora da escola, apenas 2 estudantes afirmaram ler todos os dias. 5 responderam que leem algumas vezes por semana, 7 disseram ler raramente e 4 afirmaram nunca realizar leituras fora do ambiente escolar. Isso indica que, para a maioria dos participantes, a leitura ainda não faz parte da rotina cotidiana de maneira constante. Em muitos casos, como já observamos anteriormente, ela parece estar limitada ao espaço escolar e às atividades obrigatórias, sem ocupar um lugar significativo no tempo livre ou nas práticas de lazer dos estudantes. O número elevado de alunos que leem raramente ou nunca evidencia a necessidade de pensar em estratégias que aproximem a leitura da realidade juvenil. Muitas vezes, os estudantes não se identificam com as leituras oferecidas ou não conseguem enxergar sentido na prática leitora dentro de suas vivências. Dessa forma, torna-se mais significativo trabalhar com textos que dialoguem com a realidade social e

cultural dos estudantes, considerando suas vivências e experiências fora da sala de aula, para que consigam efetivamente participar de atividades de leitura.

As respostas também revelaram incoerências significativas. Alguns estudantes afirmaram não gostar de ler, mas disseram realizar leituras com certa frequência. Esse dado pode indicar que muitas leituras realizadas pelos alunos acontecem por obrigação escolar, sem que sejam associadas ao prazer ou ao entretenimento. Assim, o ato de ler pode estar presente em suas rotinas, mas não é percebido como uma atividade prazerosa e significativa. Esse dado é importante porque mostra que a formação do leitor não depende apenas da frequência com que se lê, mas também da forma como essa leitura é vivenciada. Ler constantemente não significa, necessariamente, criar vínculo com a leitura. Quando o contato com os textos acontece apenas de maneira mecânica e obrigatória, muitos estudantes não conseguem desenvolver uma relação mais afetiva com práticas de leitura.

Em relação aos tipos de leitura preferidos, 4 estudantes afirmaram gostar de livros, 5 preferem histórias em quadrinhos, 3 demonstraram preferência por textos da internet e 6 responderam não gostar de nenhum tipo de leitura. A preferência pelas histórias em quadrinhos merece atenção especial, pois evidencia o interesse dos alunos por textos mais visuais e dinâmicos. As imagens, os diálogos curtos e a linguagem mais próxima do cotidiano podem tornar esse gênero mais atrativo, especialmente para estudantes que ainda possuem pouca proximidade com a leitura tradicional – estruturadas em linhas retas e parágrafos compridos. Outro dado interessante é que todos os alunos que escolheram histórias em quadrinhos responderam “às vezes” quando questionados se gostam de ler. Podendo indicar que esse tipo de gênero textual funciona como uma espécie de ponte entre o desinteresse e a construção do hábito leitor. Muitas vezes, são justamente leituras mais leves, visuais e próximas da realidade dos jovens que despertam o interesse inicial e ajudam a criar experiências mais positivas com a leitura.

Os textos literários disponíveis na internet também aparecem como uma importante possibilidade de leitura entre os estudantes. Embora nem sempre sejam valorizados da mesma forma que os livros impressos, contos, crônicas, poemas e outros gêneros literários acessados por meio de sites, aplicativos e plataformas digitais fazem parte do cotidiano desses jovens e precisam ser considerados no processo de formação leitora. Atualmente, muitos estudantes têm contato com a literatura em ambientes digitais, ainda que em formatos diferentes daqueles tradicionalmente associados à leitura escolar. Ignorar essas práticas significa desconsiderar novas formas de acesso à literatura e de interação com a linguagem e com o mundo.

Já os 6 estudantes que afirmaram não gostar de nenhum tipo de leitura demonstram um distanciamento maior em relação ao universo leitor. No entanto, mesmo nesse grupo, as respostas revelam diferentes níveis de relação com a leitura. Metade respondeu “às vezes” quando perguntados se gostam de ler, o que pode indicar que ainda existem possibilidades de aproximação através de experiências mais significativas e acolhedoras. A outra metade, porém, declarou não gostar de leitura em nenhuma situação, evidenciando um distanciamento mais consolidado e, possivelmente, construído ao longo de experiências pouco positivas com os textos.

Apesar das observações em que se refere ao baixo índice de práticas leitoras ao longo da pesquisa, a maioria dos estudantes reconhece a importância da leitura. 14 alunos responderam que consideram a leitura importante, enquanto apenas 4 afirmaram que ela não possui importância. Esse dado é significativo, pois demonstra que, mesmo entre aqueles que não possuem o hábito de ler, existe uma compreensão social da relevância da leitura para a vida escolar e pessoal. Entre os 4 que afirmaram que a leitura não é importante, 3 apresentaram respostas coerentes com um afastamento total das práticas leitoras, declarando nunca ler e não gostar de nenhum gênero textual. Apenas um estudante apresentou contradições em suas respostas, afirmando gostar de ler “às vezes”, embora também tenha declarado nunca ler e não gostar de nenhum tipo de leitura.

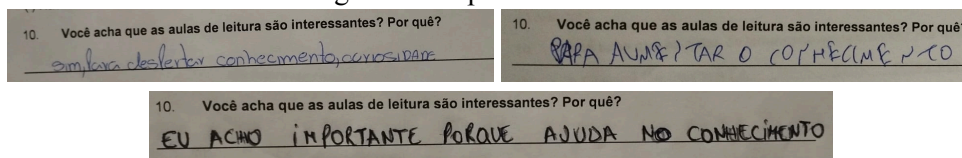
No contexto escolar, os resultados apresentam aspectos mais positivos. 16 estudantes afirmaram que os professores de Língua Portuguesa trabalham com leitura em sala de aula, enquanto 2 responderam “às vezes”. Nenhum aluno afirmou que a leitura não é trabalhada nas aulas. Esses dados mostram que a escola ocupa um papel extremamente importante na formação leitora desses estudantes. Em muitos casos, ela parece ser o principal – e, às vezes, o único – espaço em que os alunos têm contato mais frequente e organizado com práticas de leitura. Diante de realidades familiares marcadas pela ausência de livros, pouco incentivo e poucas referências leitoras, a atuação da escola torna-se ainda mais essencial.

Nas últimas perguntas do questionário, os estudantes responderam a duas perguntas dissertativas relacionadas às aulas de leitura e aos fatores que poderiam despertar maior interesse pela leitura. Diferente das questões objetivas anteriores, essas respostas permitiram observar, de maneira mais livre e subjetiva, como os alunos enxergam a leitura dentro da escola e quais sentidos atribuem a ela em suas vivências.

Na questão referente a importância das aulas de leitura, 13 alunos afirmaram considerar essas aulas importantes, 1 respondeu “mais ou menos” e 4 disseram que não gostam, por acharem as aulas “entediantes”. Embora a maioria reconheça a importância da

leitura, as justificativas apresentadas revelam que ela ainda é compreendida principalmente como uma ferramenta ligada ao desempenho escolar e à aprendizagem, como mostra as imagens a seguir:

Figura 1: Respostas dos alunos



Fonte: Autora, 2026

Mesmo sendo respostas curtas, elas mostram que os estudantes conseguem perceber benefícios na leitura, principalmente relacionados ao aprendizado, ao desenvolvimento da interpretação e à melhoria da própria leitura. Isso demonstra que os alunos reconhecem socialmente a importância de ler, especialmente dentro do contexto escolar. Entretanto, chama atenção o fato de que nenhuma resposta mencionou a leitura como diversão, lazer, acolhimento, imaginação ou prazer. As justificativas aparecem quase sempre associadas à ideia de aprender, melhorar ou adquirir conhecimento. Esse aspecto dialoga com os dados observados anteriormente ao longo da pesquisa, em que muitos estudantes demonstraram enxergar a leitura muito mais como uma obrigação escolar do que como uma prática cultural presente em suas vidas. Assim, percebe-se que, embora a leitura seja valorizada pelos alunos, ela ainda parece ocupar um espaço muito ligado ao dever e ao compromisso com a escola.

As respostas dos 4 estudantes que consideraram as aulas entediantes também merecem atenção. Mesmo sem aprofundarem suas justificativas, o uso da palavra “entediante” pode indicar diferentes questões: dificuldade de concentração, pouca identificação com os textos trabalhados, experiências negativas anteriores com a leitura ou até a ausência de práticas mais dinâmicas e significativas. Em muitos casos, quando os estudantes não conseguem se reconhecer nas leituras propostas ou não encontram sentido na atividade, a leitura passa a ser percebida apenas como uma obrigação cansativa. Isso não significa, necessariamente, que esses alunos rejeitem toda e qualquer leitura, mas pode revelar um distanciamento das formas tradicionais com que ela costuma aparecer no ambiente escolar.

Já na questão sobre o que poderia ser feito para que esses estudantes tivessem mais vontade de ler, as respostas foram bastante diversas, assim como revelaram diferentes níveis de aproximação e afastamento em relação à leitura. 1 aluno respondeu apenas “não sei”, o que pode indicar dificuldade em refletir sobre sua própria relação com a leitura ou até falta de experiências leitoras marcantes. Outros 3 responderam “nada”, evidenciando um

distanciamento mais acentuado das práticas leitoras e uma possível ausência de interesse construída ao longo do tempo.

Por outro lado, algumas respostas ajudam a compreender caminhos possíveis para aproximar esses estudantes da leitura. Um aluno que respondeu anteriormente que achava as aulas de leitura entediantes teria mais vontade de ler se:

Figura 2: Respostas dos alunos

10. Você acha que as aulas de leitura são interessantes? Por quê?
 NÃO É INTERESSANTE

11. O que faria você ter mais vontade de ler?
 LIVROS SOBRE SERIES QUE EU JÁ ASSISTI, SERIA INTERESSANTE

Fonte: Autora, 2026

Essa fala é bastante significativa porque demonstra que o interesse pela leitura pode surgir quando os textos dialogam com os universos culturais dos próprios estudantes. Nesse caso, percebe-se uma aproximação com narrativas já conhecidas através das telas, das séries e das mídias audiovisuais. Isso reforça que muitos jovens estabelecem relações com histórias, personagens e narrativas no ambiente digital, mesmo que nem sempre isso seja reconhecido como prática leitora, pode estimulá-los a buscarem no universo escrito algo semelhante. Outras respostas também seguem essa mesma direção, como as imagens a seguir:

Figura 3: Respostas dos alunos

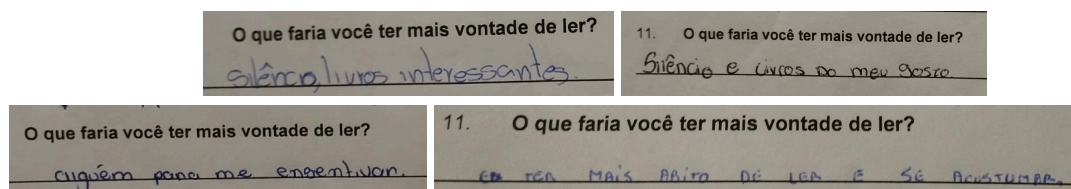
11. O que faria você ter mais vontade de ler?
 OS QUADRINHOS EM QUADRINHOS

11. O que faria você ter mais vontade de ler?
 GIBIS E LIVROS DE JOGOS

Fonte: Autora, 2026

Esses dados mostram que os estudantes demonstram maior abertura para leituras mais visuais, dinâmicas e próximas de seus gostos pessoais. As histórias em quadrinhos, por exemplo, aparecem novamente como um gênero atrativo, possivelmente por combinarem imagens, diálogos rápidos e uma linguagem mais próxima do cotidiano juvenil. Da mesma forma, os livros relacionados a jogos indicam a importância de considerar os interesses culturais dos alunos na escolha das leituras trabalhadas pela escola. Também surgiram respostas como:

Figura 4: Respostas dos alunos



Fonte: Autora, 2026

Essas respostas mostram que alguns estudantes reconhecem dificuldades relacionadas à concentração e à construção do hábito leitor. Ao mesmo tempo, mostram que eles percebem a importância do incentivo e da presença de alguém que motive a leitura. Isso reforça a ideia de que a formação do leitor não acontece de maneira espontânea ou individual, mas depende de mediações, estímulos e experiências positivas construídas ao longo do tempo. Nesse sentido, quando a leitura dialoga com os interesses juvenis, com elementos da cultura digital e com temas que fazem sentido para os alunos, as possibilidades de aproximação e envolvimento com as práticas leitoras tornam-se ainda maiores. Isso não significa abandonar ou desconsiderar aquilo que o currículo escolar propõe, mas buscar formas de adaptação e mediação que tornem a leitura mais significativa para os estudantes. Considerar seus interesses, repertórios e formas de interação com o mundo pode ser um caminho importante para diminuir o distanciamento observado em relação à leitura.

Dessa forma, esta análise evidencia que a formação do leitor não depende apenas da presença da leitura na escola, mas também das experiências culturais e afetivas construídas fora dela. Embora muitos estudantes reconheçam a importância da leitura, grande parte ainda possui baixa frequência nos hábitos leitores. Nesse cenário, torna-se fundamental que a escola continue promovendo práticas de leitura que dialoguem com a realidade dos alunos, valorizando diferentes formas de leitura e buscando construir experiências mais prazerosas, acessíveis e significativas. Na seção seguinte, serão apresentadas as práticas desenvolvidas pelos professores dessa escola, buscando compreender de que maneira a leitura é trabalhada e desenvolvida no contexto escolar.

3.5 Análise dos dados - Questionário Docentes

Nesta etapa da pesquisa, analisaremos o questionário docente (apêndice B), elaborado com o objetivo de compreender as práticas pedagógicas relacionadas à leitura desenvolvidas pelos professores que atuam com os estudantes participantes desta pesquisa, bem como a forma como esses docentes percebem seus alunos enquanto sujeitos leitores. Para isso, contamos com a participação de duas professoras de Língua Portuguesa atuantes no turno da

tarde da escola investigada, que, ao longo da análise, serão identificadas como professora X e professora Y, com o intuito de preservar suas identidades. A análise das respostas parte dos seguintes questionamentos orientadores: quais desafios e possibilidades os professores identificam no desenvolvimento de práticas de leitura com estudantes da educação básica? e de que maneira os docentes percebem a influência do contexto social, familiar e escolar na formação leitora de seus alunos?

Inicialmente, buscou-se compreender o perfil profissional das participantes. A Professora X atua em 14 turmas e possui 5 anos de experiência na área da educação, enquanto a Professora Y trabalha em 12 turmas e atua há 23 anos como docente. Esses dados revelam trajetórias bastante diferentes, marcadas tanto pelo olhar de uma professora com experiência mais recente quanto pela vivência de muitos anos dentro da sala de aula. Apesar dessa diferença no tempo de atuação, as respostas demonstram percepções muito semelhantes sobre o papel da escola na formação leitora dos estudantes e sobre as dificuldades enfrentadas nesse processo.

Na segunda questão, ambas as professoras afirmaram acreditar que a escola consegue contribuir para a formação do hábito de leitura dos alunos. Mesmo utilizando palavras diferentes, as duas respostas caminham para a mesma compreensão: a escola ocupa um papel essencial no contato dos estudantes com a leitura. As docentes destacam que, muitas vezes, o ambiente escolar acaba sendo o principal espaço em que os alunos têm acesso a livros, atividades de leitura e experiências mediadas com os textos. Essa percepção dialoga diretamente com os dados observados anteriormente nos questionários aplicados aos estudantes, nos quais muitos afirmaram não possuir livros em casa, não conviver com familiares leitores e apresentar pouco contato com práticas leitoras fora da escola. Dessa forma, as professoras reconhecem que a escola vai muito além do ensino formal da leitura: ela se torna um espaço de aproximação cultural, de mediação e de construção de experiências que muitos alunos talvez não vivenciem em outros ambientes.

As respostas mostram que as docentes compreendem a leitura como uma prática que precisa ser incentivada constantemente. Não basta apenas disponibilizar livros; é necessário criar momentos de interação, troca e construção de sentidos, permitindo que os estudantes se sintam envolvidos pelas práticas leitoras. Essa preocupação aparece de forma bastante evidente nas respostas que vem a seguir, relacionadas aos projetos desenvolvidos em sala de aula. Na questão em que buscamos saber como estimulam a leitura em sala, ambas as professoras responderam que conseguem desenvolver projetos de leitura com seus alunos. Ao apresentarem exemplos dessas atividades, foi possível perceber o esforço em tornar a leitura

mais presente e significativa no cotidiano escolar. A Professora X mencionou o projeto “Virando a Página”, cujo objetivo é desenvolver o hábito da leitura e incentivar momentos de contação de histórias. Mesmo sendo uma descrição breve, sua resposta demonstra uma preocupação em aproximar os estudantes da leitura de maneira mais participativa, valorizando não apenas o ato de ler, mas também a oralidade, a imaginação e o compartilhamento de histórias. Já a Professora Y apresentou uma descrição mais detalhada de seu projeto de leitura com turmas do nono ano. Segundo suas palavras, os alunos realizam momentos semanais de leitura em sala de aula e, ao final do trimestre, participam de atividades como rodas de conversa, resumos e discussões sobre as obras lidas. A professora destaca que essas práticas permitem que os estudantes compartilhem interpretações e desenvolvam senso crítico. Sua fala demonstra uma preocupação em fazer com que os alunos não apenas leiam, mas também conversem sobre o que leram, expressem opiniões e construam interpretações coletivamente.

Na questão seguinte, buscou-se compreender quais estratégias as professoras utilizam em sala de aula para incentivar a leitura. Mais uma vez, as respostas revelam práticas diversificadas e preocupações em tornar a leitura mais atrativa para os estudantes. A Professora X relatou que promove sessões semanais de uma hora/aula destinadas exclusivamente à leitura e utiliza livros com as capas cobertas como forma de despertar a curiosidade dos alunos. Essa estratégia é interessante porque rompe com a escolha imediata baseada apenas na aparência do livro, incentivando os estudantes a explorarem as histórias com mais curiosidade e surpresa. Assim como a reserva de um momento específico da rotina escolar apenas para a leitura, demonstrando uma tentativa de transformar essa prática em algo frequente dentro da escola. A Professora Y destacou a realização de momentos semanais de leitura, rodas de conversa, produção de resumos e discussões coletivas sobre os textos trabalhados. Em sua prática, percebe-se uma valorização muito grande da participação dos alunos e da troca de interpretações entre eles.

Na quinta questão, procurou-se compreender como as professoras percebem os hábitos de leitura dos alunos fora da escola. Ambas responderam que percebem pouco hábito leitor entre os estudantes. Esse dado reforça as informações obtidas anteriormente nos questionários aplicados aos alunos, em que muitos afirmaram ler raramente ou nunca realizar leituras fora do ambiente escolar. Dessa forma, percebe-se que a visão das professoras dialoga diretamente com a realidade apresentada pelos estudantes. A leitura ainda ocupa um espaço pouco frequente no cotidiano desses jovens e, em muitos casos, permanece associada apenas às atividades escolares. Isso ajuda a compreender por que a escola acaba assumindo um papel tão importante na formação leitora desses alunos, como tanto discutimos anteriormente.

No que se refere à questão de como as professoras percebem a relação entre o contexto sociofamiliar e a formação do hábito de leitura, suas respostas apresentaram ideias bastante semelhantes e reforçaram novamente aspectos já observados ao longo da pesquisa. A Professora X afirmou que “a família e o contexto social definem o nível de estímulo e acesso aos livros”, destacando que alunos vindos de “lares leitores” costumam demonstrar maior fluência e interesse pela leitura. Em contrapartida, aponta que estudantes em situação de vulnerabilidade social muitas vezes dependem exclusivamente da escola para terem contato com livros e práticas leitoras, principalmente pela ausência de acervos em casa. A Professora Y também ressaltou que o contexto social influencia diretamente a formação leitora dos alunos, afirmando que estudantes que convivem com leitores ou possuem acesso a livros tendem a desenvolver o hábito de leitura com maior facilidade. Segundo ela, muitos alunos não recebem incentivo familiar, o que faz com que a escola assuma um papel ainda mais importante nesse processo. Essas falas reforçam algo que apareceu de forma recorrente ao longo da pesquisa: a formação do leitor não depende apenas da escola, mas também das experiências culturais, afetivas e sociais construídas fora dela.

Na questão seguinte, as professoras refletiram sobre as principais dificuldades encontradas na formação de leitores. A Professora X destacou “a forte concorrência com o imediatismo dos estímulos digitais e das redes sociais”, além da “escassez de acervos atraentes e atualizados”. Sua fala demonstra preocupação tanto com as mudanças nas formas de consumo de informação entre os jovens quanto com as limitações estruturais enfrentadas pelas escolas. A Professora Y apontou como dificuldades “a falta de incentivo familiar, o pouco acesso a livros, a influência das tecnologias e a dificuldade de concentração dos alunos”. Essas percepções dialogam com dados nacionais sobre o uso de dispositivos digitais no ambiente escolar. De acordo com informações do Ministério da Educação, baseadas no PISA Brasil 2022, 80% dos estudantes afirmam que o uso do celular prejudica sua concentração durante as aulas, evidenciando que a disputa pela atenção dos alunos tem se tornado um dos principais desafios enfrentados pelos professores na atualidade. Sua resposta reforça o impacto das tecnologias digitais e das dificuldades de construção do hábito leitor em meio às múltiplas formas de entretenimento presentes no cotidiano juvenil.

Por fim, na última questão, buscou-se compreender o que as professoras acreditam que poderia melhorar o processo de formação de leitores. A Professora X destacou a importância da diversificação dos formatos textuais, incluindo mídias digitais, além do investimento contínuo na modernização das bibliotecas escolares e na formação de mediadores de leitura. Essa fala demonstra preocupação tanto com a qualidade dos materiais oferecidos aos

estudantes quanto com a importância do professor enquanto mediador capaz de aproximar os alunos da leitura de maneira mais significativa. Sua resposta também sugere que, para incentivar a formação leitora, não basta apenas disponibilizar livros: é necessário pensar em práticas que dialoguem com as transformações sociais e culturais da atualidade. Em um contexto em que os estudantes convivem diariamente com diferentes formas de linguagem e informação, a leitura precisa ser trabalhada de maneira mais ampla, dinâmica e conectada às experiências juvenis. Já a Professora Y afirmou que seria importante ampliar o acesso a livros variados e atrativos, permitir que os alunos participem da escolha das leituras e diversificar as atividades relacionadas aos livros. Foi ressaltado também a importância de diversificar as atividades relacionadas aos livros e promover práticas mais dinâmicas e interativas. Sua fala demonstra uma tentativa de romper com os modelos de leitura centrados apenas em exercícios mecânicos ou obrigatórios, buscando construir experiências mais participativas, acolhedoras e significativas para os alunos. Ao mencionar práticas mais interativas, percebe-se uma preocupação em transformar a leitura em um espaço de troca, diálogo e envolvimento, fazendo com que os estudantes consigam se identificar com aquilo que leem.

Para finalizar, buscou-se refletir sobre como a formação de leitores acontece na realidade vivenciada por essas professoras e por essa escola, percebendo, a partir das respostas dos estudantes e das docentes, que esse é um trabalho longo, gradual e muitas vezes desafiador. Durante uma conversa realizada com a Professora Y e a supervisora da escola, no momento em que foi solicitada a aplicação do questionário em uma das turmas, a docente relatou que grande parte da formação leitora dos alunos acaba ficando centrada na própria escola, principalmente através dos projetos desenvolvidos pelos professores. Sua fala reforça muitos aspectos já observados ao longo desta pesquisa, especialmente a pouca presença da leitura em alguns contextos familiares e a necessidade de a escola assumir o papel de principal mediadora das práticas leitoras. A professora também comentou que muitos estudantes possuem interesses bastante específicos de leitura e, em diversos momentos, demonstram resistência em participar das propostas desenvolvidas em sala de aula. Entretanto, ressaltou também que, aos poucos, alguns alunos começam a criar vínculos mais positivos com a leitura justamente através dessas experiências proporcionadas pelos projetos escolares. Como exemplo, mencionou uma turma de nono ano do ano anterior que participou de uma proposta municipal voltada à produção de contos, na qual os estudantes foram escolhidos para representar a escola. Segundo a docente, tratava-se de uma turma que inicialmente apresentava grande dificuldade de envolvimento com a leitura, composta por alunos que raramente pegavam livros e que demonstravam resistência às atividades leitoras.

No entanto, através de práticas contínuas de leitura e escrita, das propostas desenvolvidas em sala e da participação em projetos e desafios, os estudantes passaram a se envolver de maneira mais significativa nas atividades. A professora destacou que experiências como essas fazem com que os alunos se sintam mais motivados e participativos, principalmente quando conseguem perceber sentido nas propostas e se reconhecer nelas. Sua fala, de fato, evidencia que a formação do leitor não acontece de maneira imediata, mas através de pequenas aproximações construídas ao longo do tempo, em um processo gradual, marcado por tentativas, insistências, mediações e experiências. Assim, percebe-se que, mesmo diante das dificuldades presentes no contexto escolar e social, o trabalho desenvolvido pelos professores pode abrir caminhos importantes para que os alunos construam uma relação mais próxima e significativa com o universo leitor, muitas vezes acontecendo com “um passo de cada vez”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, a intenção foi entender como a realidade de cada família influencia os hábitos de leitura na Educação Básica e de que forma a escola pode intervir para formar leitores que pensem por si mesmos. Mais do que analisar dados e respostas, esta pesquisa abriu espaço para enxergar as histórias reais por trás dos números, reconhecendo que cada estudante traz na bagagem suas próprias experiências, desafios, afetos e caminhos para se conectar com o mundo leitor.

Os resultados mostram que muitos alunos crescem em lares onde os livros não fazem parte do cotidiano. Em várias famílias, a leitura não é uma prática comum – seja pela rotina cansativa, pela falta de condições financeiras ou pelo histórico de vida dos pais. Ainda assim, isso não significa desinteresse pela educação dos filhos. O apoio familiar costuma se manifestar em gestos simples, especialmente por parte das mães, através de perguntas sobre a rotina escolar ou a insistência na importância dos estudos, mostrando formas de incentivo que traduzem cuidado e compromisso.

Apesar dos desafios identificados, a pesquisa também revelou aspectos positivos. Muitos estudantes reconhecem a importância da leitura para sua aprendizagem e para o futuro, mesmo que ainda não tenham desenvolvido o hábito de ler com frequência. Da mesma forma, os professores demonstraram preocupação em aproximar os alunos da literatura por meio de diferentes estratégias pedagógicas, evidenciando que a escola continua sendo um espaço de possibilidades para despertar o interesse pela leitura e construir experiências leitoras significativas. Os resultados também dialogam com as diretrizes do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que defendem a escola como um espaço de formação de leitores, por meio da atuação de mediadores bem formados e da promoção contínua de práticas de leitura, reconhecendo a literatura como um direito cultural e um elemento essencial para a formação cidadã.

Outro ponto de destaque foi a relação desses jovens com as telas. Embora muitos estudantes afirmem que não possuem o hábito de ler, a verdade é que eles passam o dia consumindo textos em redes sociais, aplicativos de mensagens e sites. Isso nos obriga a repensar o próprio conceito de leitura. Talvez o papel da escola não seja brigar com a tecnologia, mas talvez conversar com ela, usando essas leituras do dia a dia como um trampolim para caminhos mais profundos e cheios de sentido. As respostas dos estudantes também revelaram uma contradição importante: mesmo quem não lê reconhece o valor da leitura. Só que esse valor quase sempre vem pesado, cheio de obrigação, de tarefa escolar ou

de uma parte necessária para tirar notas boas. Raramente a leitura apareceu ligada ao prazer, à imaginação ou ao descanso, ficando claro que ainda se tem um caminho longo para mostrar a esses jovens que ler também pode ser um ato de pura curiosidade, de se enxergar no outro e de se encantar.

Com isso, o papel da escola se torna ainda mais decisivo, pois como vimos anteriormente, a grande parte dos alunos desta pesquisa, a sala de aula é o principal ponto de acesso ao universo dos livros. É nesse espaço que eles têm a oportunidade de ter contato com novos textos, conhecer autores e ouvir outras perspectivas de leitura. Esse cenário evidencia a importância da atuação do professor, a quem cabe mediar essa relação, transformando o encontro com a literatura em uma experiência de descoberta, diálogo e proximidade.

Entretanto, o compromisso com a formação de leitores não pode ser atribuído exclusivamente à escola ou ao professor. É indispensável a existência de políticas públicas permanentes que garantam condições efetivas para o acesso à literatura e para a valorização da leitura desde os primeiros anos da educação. Mais do que distribuir livros às instituições de ensino, é necessário investir na formação continuada dos professores, fortalecer as bibliotecas escolares, ampliar projetos de incentivo à leitura e assegurar que essas ações tenham continuidade. Somente por meio da articulação entre políticas públicas, escola, família e comunidade será possível democratizar o acesso à cultura escrita e promover uma formação leitora mais significativa e inclusiva.

Diante de tudo isso, a pergunta que guiou esta pesquisa não tem uma resposta simples ou definitiva. A realidade de onde cada estudante vem pode, sim, dificultar o acesso aos livros e influenciar sua visão de mundo, mas não determina, por si só, o seu futuro como leitor. Quando as práticas em sala de aula são sintonizadas com o cotidiano e os interesses dos jovens, aumentam as possibilidades de despertar a curiosidade e criar oportunidades reais de conexão com a leitura. No entanto, o esforço isolado do professor não é suficiente; há uma necessidade de políticas públicas eficazes. Distribuir livros nas escolas é um passo importante, mas está longe de bastar. É preciso valorizar quem está na linha de frente: investir na formação dos professores, dar vida às bibliotecas escolares e garantir que a leitura aconteça de forma contínua, dinâmica e integrada aos espaços educativos.

Concluir este trabalho significa, de certa forma, retornar ao ponto onde minha própria trajetória começou. As memórias de infância, com meus pais lendo histórias antes de dormir, e o cuidado presente em cada palavra fizeram da leitura algo natural na minha vida. Foi essa vivência inicial que despertou em mim o desejo de investigar como outros jovens estão construindo suas próprias relações com a leitura. Esta pesquisa confirmou o que eu já percebia

na prática: ler vai muito além de uma competência para avaliações escolares. A leitura é memória, encontro e travessia; é uma forma de compreender o mundo e o nosso papel nele. Que a escola continue sendo esse espaço de aproximação com os textos, mas, acima de tudo, um lugar onde os estudantes sintam que o universo dos livros também pertence a eles. Afinal, quando encontramos sentido no que lemos, ampliamos nossa visão de mundo e ganhamos autonomia para transformar nossa própria realidade.

REFERÊNCIAS

ABRUCIO, Fernando L. Trajetória recente da gestão pública brasileira: um balanço crítico e a renovação da agenda de reformas. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. esp, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122007000700005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20/05/2026

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf). Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 519, de 13 de maio de 1992**. Institui o Programa Nacional de Incentivo à Leitura - PROLER e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1992]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0519.htm. Acesso em: [inserir o dia, mês abreviado e ano do seu acesso, ex: 1 jul. 2026].

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília: MEC, [2018?]. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Celulares nas escolas**. Brasília: MEC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/celular-escola>. Acesso em: 16 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 584, de 28 de abril de 1997**. Institui o Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE. Brasília, DF: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Edital de convocação para o Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE / Literatura em Minha Casa**. Brasília, DF: MEC/FNDE, 2002. Disponível em: < <https://www.gov.br/fnde/pt-br/>>. Acesso em 20jun2026

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). Brasília: MEC, [2026?]. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnll>. Acesso em: 16 jul. 2026.

_____. Ministério da Cultura; Ministério da Educação; PNLL; **Instituto Pró-Livro**. Guia para elaboração e implantação dos Planos estadual e municipal do livro e da leitura, 2009b. Disponível em: <http://189.14.105.200/pdf/Guia%20para%20elaboração%20e%20implantação%20dos%20Planos%20estadual%20e%20municipal%20do%20livro%20e%20leitura.pdf>. Acesso em: 28 /6/2010.

_____. Ministério da Cultura; Ministério da Educação; **PNLL. Plano Nacional do Livro e Leitura**. 2006b. Disponível em: http://www.vivaleitura.com.br/pnll2/images/pnll_download.pdf. Acesso em: 28/10/2008.

CHINELATTO, Leila Regina Oliveira. Políticas públicas de incentivo à leitura na história da educação infantil municipal de Sorocaba: 2014 a 2023. 89 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba/SP, 2023.

FARAH, Marta F. S. Parcerias, novos arranjos institucionais e políticas públicas no nível local de governo. **RAP**, Rio de Janeiro, vol. 35, nº 1, p. 119-144, Jan/Fev, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1982.

FUJITA, Elza Tie; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. O ato de ler na educação básica e a formação de alunos leitores. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 724-740, abr./jun. 2018.

OLIVEIRA, Daniela Piergili Weiers de. Políticas públicas de fomento à leitura: agenda governamental, política nacional e práticas locais. 2011. 146 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração Pública e Governo) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Marinilda Nunes de. Prática da leitura em sala de aula. **REP's – Revista de Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 9, n. 3, 25 ed., p. 1066-1076, nov./dez. 2018.

PAIVA, Aparecida et al. Literatura na infância: imagens e palavras. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; Belo Horizonte: UFMG, **Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita**, 2008.

PROLER. PROLER: concepções e diretrizes. Rio de Janeiro: **Biblioteca Nacional**, 2009. Disponível em: <http://www.bn.br/proler/images/PDF/cursos3.pdf>. Acesso em: 26/11/ 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

APÊNDICES

Apêndice A

ALUNOS

Nome (opcional): _____

Idade: _____

Ano escolar: _____

1. **Você tem livros ou materiais de leitura em casa?**
☐ Sim
☐ Não
2. **Alguém da sua família incentiva você a ler?**
☐ Sim
☐ Não
Se sim, quem? _____
3. **Como sua família incentiva a leitura?**
☐ Compra livros
☐ Lê junto comigo
☐ Pede para eu estudar
☐ Não incentiva
☐ Outros: _____
4. **Você costuma ver pessoas da sua família lendo livros, jornais ou revistas?**
☐ Sim
☐ Não
☐ Às vezes
5. **Você gosta de ler?**
☐ Sim
☐ Não
☐ Às vezes
6. **Com que frequência você lê fora da escola?**
☐ Todos os dias
☐ Algumas vezes por semana
☐ Raramente
☐ Nunca
7. **Que tipo de leitura você mais gosta?**
☐ Livros
☐ Histórias em quadrinhos
☐ Textos da internet
☐ Outros: _____
8. **Você acha importante ler?**
☐ Sim
☐ Não
☐ Outra opinião: _____
☐ Nenhum tipo.

9. Nas aulas de Português, o professor(a) trabalha com leitura?
- ☐ Sim
☐ Não
☐ Às vezes
10. O professor(a) realiza projetos de leitura (como leitura de livros, rodas de leitura, etc.)?
- ☐ Sim
☐ Não
☐ Não sei
11. Você acha que as aulas de leitura são interessantes? Por quê?
- _____
12. O que faria você ter mais vontade de ler?
- _____

Apêndice B

PROFESSOR

Nome:(opcional) _____

Em quantas turmas você atua: _____

1. Há quantos anos você atua como professor(a)?
- _____
2. Na sua opinião, a escola consegue contribuir na formação do hábito de leitura dos alunos? Por quê?
- _____
- _____
3. Você consegue desenvolver projetos que fomentem a leitura com seus alunos?
- ☐ Sim
☐ Não

Se sim, poderia citar um exemplo de projetos ou atividades e comentar um pouco sobre elas?

4. Quais estratégias você utiliza para incentivar a leitura?
- _____
- _____

5. Você percebe que os alunos têm o hábito de leitura fora da escola?
- ☐ Sim
☐ Não
☐ Pouco
6. Na sua percepção, de que forma o contexto social e familiar se relaciona com a formação do hábito de leitura dos alunos? Na sua resposta, seria possível citar exemplos concretos dessa relação que você percebe em alguns alunos?

7. **Na sua opinião, quais são as principais dificuldades encontradas na formação de leitores?**

8. **O que você acredita que poderia melhorar esse processo?**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

KAMILLY PEREIRA LEITE

TCC: PRÁTICAS DE LEITURA E PERFIL DO ALUNO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 13 de julho de 2026.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Evandro Ricardo Guindani
Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Cristina Arena Forli
(UNIPAMPA)

Profa. Dra.Ingrid da Silva Torma
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **EVANDRO RICARDO GUINDANI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/07/2026, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **INGRID DA SILVA TORMA, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 17/07/2026, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CRISTINA ARENA FORLI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2026, às 12:59, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2094652** e o código CRC **85FEA736**.

Referência: Processo nº 23100.011343/2026-14 SEI nº 2094652